

BETTO, Frei. *Jesus militante: Evangelho e projeto político do Reino de Deus*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

Adilma Nunes Rocha¹
Otávio de Jesus Assis²

Quem se propuser a aventura de ler *Jesus militante: Evangelho e projeto político do Reino de Deus*, de Frei Betto, começando pela orelha do livro, vai deparar com a seguinte declaração do autor: “Escrevi Jesus militante a partir das minhas convicções sobre a missão do Filho do Homem”. Esta frase já nos remete ao que Frei Betto talvez faça de melhor, ou seja, traduzir e interpretar as coisas do nosso tempo, cotejando-as com as de outros tempos, como aquele em que Jesus Cristo viveu. É sempre uma leitura instigante, motivadora e fundamentalmente crítica, daí porque não é impróprio falar em aventura. Ele afirma, no final da orelha, esperar que o livro possa suscitar nos leitores e leitoras a esperança e o vigor, como do Jesus militante. Isso corrobora o que afirmamos.

Antes de avançar no texto de Frei Beto, é pertinente em breves palavras discorrer sobre os signos “Jesus” e “militante”.

A palavra *Jesus* é a forma latina do grego *Iesus*, que por sua vez é a transliteração do hebraico *Jeshua*, ou *Joshua*, ou também *Jehoshua*, que significa “Yahweh é salvação”³. O significado mais atribuído ao nome é Salvador. Portanto, o Jesus que se tornou referência universal de religiosidade é entendido como aquele cuja missão fora salvar a humanidade, como imediato e poderoso representante divino entre os homens. É esta crença que vai originar a formação das primeiras comunidades denominadas de cristãs e daí por diante estabelecer futuras religiões fundamentadas na figura ou no signo Jesus Cristo.

Quanto ao vocábulo militante, pode ser interpretado como tratar-se daquele que se dispõe a pugnar por uma causa, participando ativamente de movimentos diversos políticos ou institucionais em razão desta. A participação em tais movimentos, por sua vez, remete ao que se convencionou chamar de ideologia, ou seja, participa-se em algum movimento de natureza coletiva

¹ Professora da Uneb, DCHT XXI, Campus de Ipiaú, doutoranda do Programa Litcult da UFBA.

² Professor da Uneb, DCHT XXI, Campus de Ipiaú, doutorando do Programa Pós-Crítica da Uneb.

³ Há explicação mais extensa sobre o assunto disponível em <https://www.institutojacksondefigueiredo.org/enciclopedia-catolica/ec-diversos/oriagem-do-nome-de-jesus-cristo>.

porque há nele um conjunto de ideias com as quais o indivíduo se afina e nas quais acredita, daí estabelece uma militância. É sobre esses signos que o autor tece e apresenta uma análise que nos lança em uma discussão, que se não é necessariamente nova, nem por isso deixar de ser provocadora e de relevância.

Embora seja um nome bastante conhecido no meio intelectual e religioso, é de bom alvitre falar um pouco sobre quem é Frei Betto, inclusive para que se possa compreender a natureza da sua escrita e das suas ideias.

Carlos Alberto Libânio Christo é um frade dominicano mineiro, que traz em sua vida dois signos muito importantes: a militância e a escrita, fundidos em sua ação política. Filho de um jornalista e de uma escritora, tornou-se religioso dominicano em 1966, adepto da Teologia da Libertação, militando em movimentos pastorais e sociais. Por ter uma atuação política contundente, foi preso-político na ditadura militar, e na prisão escreveu suas experiências, publicadas posteriormente.

Na condição de militante, atuou como dirigente nacional da Juventude Estudantil Católica (Juc) em 1962 e trabalhou na construção das Comunidades Eclesiais de Base na Arquidiocese de Vitória (ES), após a prisão no período da ditadura militar, na década de 1970. Foi assessor da Pastoral Operária na região de São Bernardo do Campo, na década de 1980; assessor especial da Presidência da República, no primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e coordenador de Mobilização Social do programa Fome Zero, nos anos 2000. Assessorou, ainda, governos socialistas nas relações Igreja-Estado, a exemplo do governo de Cuba.

Como escritor, produziu obras em diferentes gêneros e para diferentes públicos, dos quais podemos destacar: *Hotel Brasil: o mistério das cabeças degoladas* (editora, 1999), *Tom vermelho do verde* (Rocco, 2022), ficção para adultos; *Uala, o amor* (FTD, 1991), *Alucinado som de tuba* (Ática, 1993) e *O vencedor* (Ática, 1996), na literatura infanto-juvenil; as memórias *Carta de Prisão* (Agir, 1977), *Batismo de sangue* (Rocco, 2000), *Diário de Fernando – nos cárceres da ditadura militar brasileira* (Rocco, 2009), *Alfabetto: autobiografia escolar* (Ática, 2002) e *A mosca azul* (Rocco, 2006). Além destas, escreveu obras que descortinam a vida de Jesus Cristo, como *Entre todos os homens* (Ática,

1997), *Um Deus muito humano: um novo olhar sobre Jesus* (Fontanar, 2015) e *Jesus Militante: evangelho e projeto político do reino de Deus* (Vozes, 2022).

Em razão da profusão e qualidade dos seus escritos, foi laureado com diversos prêmios literários: Prêmio Jabuti em 1982, com *Batismo de sangue* e em 2005 com *Típicos tipos – perfis literários*; prêmio de melhor obra infanto-juvenil da Associação Paulista de Críticos, com *A noite em que nasceu Jesus* (Vozes, 1998). Também foi premiado como intelectual e ativista com o Prêmio de Direitos Humanos da Fundação Bruno Kreisky em 1987; prêmio Paolo E. Borsellini, na Itália, a Medalha Chico Mendes de Resistência, concedida pelo Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro e o Prêmio CREA/RJ de Meio Ambiente em 1998; Troféu Paulo Freire de Compromisso Social e Medalha da Solidariedade do governo cubano em 2000.

Uma das suas mais recentes publicações é *Jesus Militante: evangelho e projeto político do reino de Deus* (Vozes, 2022). Trata-se de uma leitura política e histórica de um dos homens mais emblemáticos da história da humanidade, tendo por base o contexto sociocultural em que viveu. Para isso, toma como objeto de detalhada leitura o primeiro dos evangelhos, o de São Marcos, escrito trinta anos após a ressurreição de Jesus Cristo, a partir de fatos colhidos da tradição oral e, como afirma o autor, narrado pela ótica dos vencidos. Apoiar-se também em estudiosos desta obra e da teologia, de modo geral, como Leonardo Boff, contudo, deixa claro sua pretensão de não trazer uma verdade impositiva, mas uma experiência de fé e sentido de vida: “Tento espelhar, nessas páginas, a minha visão de Jesus, consubstanciada em minha fé e que inspira, há mais de seis décadas, minha atividade de militante social, pastoral e político” (BETTO, 2022, p. 10). Na esteira desse posicionamento, declara que o aprofundamento de sua própria fé se dá numa busca ao chamado Jesus histórico, e ao elaborar considerações sobre o convencimento que se lhe toma ao aproximar-se, por meio de suas pesquisas, da vida real de Jesus Cristo e do contexto em que ocorreu sua crucificação, deixa transparecer o impacto que essa historicidade plenamente humana lhe causa, a ponto de finalizar o pensamento valendo-se de Boff⁴ (1978): “Humano assim como ele só poderia ser mesmo Deus.”

⁴ BOFF, Leonardo. Paixão de Cristo, paixão do mundo. Petrópolis: Vozes, 1978.

Para desvendar-nos este Jesus histórico e político, signos são destacados na elaboração de uma outra tecitura semântica que muito nos aproxima da compreensão da nossa contemporaneidade latinoamericana, numa aventura calcada no engendramento do contemporâneo de diferentes tempos, o que por sua vez leva-nos a conhecer melhor o Jesus Nazareno. Por contemporâneo, pegamos de empréstimo as ideias de Agamben⁵, compreendendo-o como capacidade de recuarmos ao passado para daí lançarmos luz para o presente e buscar construir um outro futuro.

Tal metodologia de análise que se conecta com o contemporâneo é tríplice: primeiramente tem-se a abordagem de Marcos, o evangelista, que vivendo no período posterior à ressurreição, traz sua narrativa em consonância com textos do Primeiro Testamento, a exemplo dos livros do Êxodo, Malaquias e Isaías, para clarear a compreensão da figura de Jesus no período de produção destes textos, “o que realça o encadeamento dos fatos na manifestação de Deus na história humana” (BETTO, 2022, p. 15). Em seguida, apoiando-se nestes escritos, Frei Betto contextualiza os fatos histórica e culturalmente, no período dos acontecimentos neles apontados, ampliando a compreensão da cultura dos judeus e sua relação com o domínio romano, como também relaciona a conjuntura daquele momento com a do nosso tempo, a fim de tornar nossa leitura mais consistente; e por fim, tal tecitura provoca um afastamento de nós mesmos no sentido de uma aproximação mais empoderada de Jesus, em seu tempo e espaço, para daí entendermos o nosso próprio tempo e espaço e repensarmos o nosso dever.

Assim, nos dezesseis capítulos da obra freibettiana, revisitamos a narrativa de Marcos sobre a vida de Jesus Nazareno, que também é dividida em dezesseis capítulos, constituindo-se no mais curto dos evangelhos, contudo o mais antigo deles e que serviu de referência para os outros três sinóticos (de Mateus, Lucas e João). É uma viagem que se inicia desde o momento em que Jesus decide ser militante do reino de Deus (a partir do batismo de João Batista) e segue na direção de sua reflexão sobre tal atitude (o retiro no deserto),

⁵ AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2013. p. 55-73.

passa pela composição do grupo de discípulos para o movimento social messiânico que trouxe o projeto político do Reino de Deus; prossegue nas várias viagens para a preparação do grupo visando à formação comunitária do futuro apostolado, com o objetivo de promover a pregação da palavra e a ressignificação do sentido da vida; vai pelo caminho rumo aos enfrentamentos com a elite religiosa e política, até o momento da prisão e crucificação, para enfim, encerrar-se com o relato da ressurreição, que por divergir no estilo da escrita, possivelmente não teria sido escrito por Marcos, como afirma Frei Betto.

O Jesus Militante é apresentado à sua missão por João Batista, profeta que foge das determinações das tradições (não ser sacerdote do templo como o pai e muito menos monge essencialista fundamentalista) para militar por uma possível religião que aboliu o centro (Jerusalém/classe sacerdotal) em busca da periferia (regiões distantes e carentes/povo). A ocorrência fundamental apontada pelo autor é um deslocamento de posição, uma destecitura do olhar. Poder-se-ia dizer tratar-se de um movimento de contraposição desestruturante, uma vez que há um rompimento com a tradição elitista – que nada mais era do que uma forma de manutenção do poder pelas classes dominantes – em favor de uma opção pelos grupos preteridos e colocados à margem.

Dois signos são destecidos de forma contundente pelo autor. O primeiro é o que trabalha a ideia de pecado. Para ele “pecar é escolher a si mesmo em detrimento do outro ou dos outros” (BETTO, 2022, p. 24), sendo o problema não exatamente a escolha de si, mas o ato de colocar em prioridade os interesses individuais em detrimento de tantos outros coletivos, o que provoca exclusões e injustiças no campo social. O segundo é a concepção do Reino de Deus como algo temporalmente próximo, quando por reino se entendia a dominação de um povo por um outro povo estrangeiro, que contava com apoio das elites religiosas e políticas locais, para dominar e explorar e, desse modo, concretizar a busca de poder e acumulação, movimento que não se dá sem princípios de crueldade. O Reino de Deus é outro reino, possível terrenamente, diferente do lugar da transcendência onde se acredita que se habitará espiritualmente após a morte, pensamento este massificado há milênios. É na verdade, segundo Betto (2022, p. 26), “uma proposta política revestida em linguagem religiosa.”

A ideia que traz uma potência de ruptura nesse caso é a de tratar-se de um império, conforme a raiz grega da palavra, que não é um lugar, mas um novo pensar e atuar onde impera “o amor nas relações pessoais, e a partilha de bens nas relações sociais” (BETTO, 2022, p. 27). É um novo projeto de sociedade, um projeto político civilizatório sem opressores e oprimidos, muito diferente das ditaduras inventadas e reinventadas pelos homens nestes milênios de existência da humanidade. Ocorre, assim, uma dicotomia entre os esforços de resistência e sobrevivência de uma maioria e o *modus operandi* dos impérios econômicos, que buscam novas formas de explorar e espoliar.

Tal projeto político civilizatório tem como marco a humanidade de Jesus, filho de Deus, que viveu a mesma condição do ser humano, com empatia a amigos próximos e a pessoas oprimidas, com indiferença a poderosos, exploradores e opressores; com compaixão pelos pecadores arrependidos, com cólera ante os capitalistas da fé. Ele chorou pela morte do amigo, fez autocrítica mediante o pedido de ajuda de uma mãe para sua filha, teve medo no momento mais difícil de sua vida e quis desistir de sua missão. Jesus foi humano como qualquer outro, exceto no pecado, e buscou exaltar a existência de todos, independente da etnia, da crença, do gênero, da classe social. E dessa forma ele prova que “A divindade não é o oposto do humano, é a sua plenitude. Quanto mais humana é uma pessoa, mas próxima ela se encontra de sua condição de filha de Deus” (BETTO, 2022, p. 35).

O descentramento é o principal mecanismo deste projeto: leis de pureza que excluam o povo das bênçãos e monopolizavam a figura de Deus apenas para a elite religiosa e econômica são questionadas (a exclusão de doentes, cegos, surdos, mudos, deficientes físicos e mentais e a discriminação das mulheres são práticas injustificáveis); instituições canônicas são desconstruídas (o templo de Deus não é as construções suntuosas, mas sim o ser humano respeitado em sua humanidade). Ao colocar o humano e o divino numa posição de simetria, lançando reflexos de alcance social, desmitificando as leis dogmáticas impostas à sociedade, esse Jesus militante desconstrói falsas verdades. Vale dizer que não se trata de uma negação do princípio da fé nem da ideia de Deus, mas de uma nova forma de enxergar, interpretar e viver valores que não excluem o humano em nome do divino, nem substituem o divino pelo humano.

A essência da nova proposta civilizatória é o princípio da vida acima do sagrado, entendendo-se esta mesma vida como uma derivação desse sagrado. Vislumbra-se um sistema de vida que inclui a todos, em oposição ao sistema de morte que tem na Lei da Pureza sua preservação, beneficiando apenas a quem era a favor do sistema dominante. Ora, a apropriação desta lei pelos fariseus e os teólogos da época (doutores da Lei, como eram conhecidos) representava um meio de dominação, manutenção de poder e preservação de conveniências, o que, inclusive, garantia a essas elites alguns privilégios e concessões junto aos invasores estrangeiros, neste caso os romanos.

O projeto a centralizar a consciência do Jesus militante era o de fazer com que as pessoas da sociedade do seu tempo e do seu lugar, submetidas àquelas circunstâncias históricas determinadas pela opressão e exclusão, condicionadas pelo discurso falaciosamente dogmático dos doutores da Lei, pudessem compreender que as leis servem para organizar a sociedade em favor das pessoas e não o contrário. O evangelista Marcos⁶ narra uma passagem muitíssimo interessante quanto à visão de Jesus ante os dogmas e aos que a eles se apegavam, traduzida numa postura clara e firme sobre quais valores realmente devem ser colocados em evidência e em favor de quem. Na aludida passagem Jesus Cristo apresenta o fundamento para destacar a centralidade do homem na sociedade, em meio suas regras e convenções, e ele o faz declarando que a Lei foi feita para o homem e não o contrário.

Para a compreensão deste projeto, Jesus pregava por meio de parábolas e dava exemplos mediante suas ações. Com as parábolas ele tecia, por meio dos signos da cultura cotidiana, a esperança. Não à toa faz uso de verbos como *semear* e *pescar* e de substantivos como *sal* e *luz*. Estas palavras são signos que remetem a uma ação/condição a ser exercida pelo próprio ser humano, que ao fazê-la, sendo ele (homem) signo em si mesmo, movimenta-se numa perspectiva de ressignificação de si e do meio, chegando, pois, a uma transformação. Daí temos: semear a terra é preparar o coração para a aceitação do Reino de Deus; pescar significa reunir homens, trazer aliados para o novo sistema de vida; ter

⁶ A passagem bíblica referida está integralmente no Evangelho segundo Marcos, capítulo 2, versículos 23 a 28.

ou ser sal é dar sabor à vida, conservando-a da melhor maneira possível em pensamento e ação, ou em outras palavras, formas de ver o mundo e agir solidariamente sobre ele; ser luz é inspirar outras formas de significar o mundo, apontando possibilidades de instaurar propostas coletivas como potência estruturante de uma nova sociedade, contraposta ao individualismo excludente. Por meio das suas próprias ações Jesus resgata quem estava nas margens, cura endemoniados e doentes, perdoa pecadores. Tudo isso mostrando o protagonismo do sujeito mediante a sua fé, que se estende para além do imediato e individual e busca o coletivo, num devir que ressignifica a sociedade e o tempo.

Ao chegar nesse ponto, mais dois signos são ressignificados por Frei Betto: *milagre* e *oração* são eles. Então vejamos: O milagre não é um ato de mágica, trata-se do “poder divino de alterar o rumo natural das coisas. Esse poder age sobretudo no coração humano” (BETTO, 2022, p. 80), revitalizando algo já existente. A oração não é tão somente um monólogo direcionado a Deus, é antes de qualquer coisa, “aprender a crer na transformação de si e do mundo, transformação que, empiricamente parece impossível[...]” (BETTO, 2022, p. 157).

No caminho dessas reflexões, chegamos a um tema fulcral ressaltado por Marcos e apontado por Frei Betto: Jesus não pode ser visto como um mero reformador religioso. De acordo com Betto (2022, p. 161), ele veio “[...] descongelar, deselitizar e oxigenar as tradições judaicas, representadas pelo Templo.” Uma vez que não se tratava apenas de um lugar destinado ao culto, pois “era o coração político e econômico da sociedade judaica e uma instituição fundada na ordem imperial[...]” (*Ibid.* p. 161), acabava por manter o status quo dominante, tanto da elite religiosa como do dominador estrangeiro.

Se por um lado, Jesus nega a tradição seletiva, excludente, desumana, travestida em leis antigas que já não se sustentavam, por outro, ele revigora a tradição da esperança, da boa nova de tempos outros possíveis, com outras práticas de viver, por isso o evangelista retoma as previsões dos profetas do passado que são confirmadas nas ações de Jesus.

Toda essa ação política caracteriza-se por valorizar a vida em todos e para todos, contrapondo-se ao sistema dominante excludente. Exatamente por confrontar este sistema, foi que se deu o engendramento da morte de Jesus,

uma morte que não findou, todavia, o projeto civilizatório do Reino de Deus, e, muito pelo contrário, tornou-o ainda mais resistente, resiliente, longo e desafiador à medida que o grupo de apóstolos se lançou ao mundo, abrindo as portas desse Reino para além das fronteiras geográficas, tornando-o universal e acessível a todos os que nele quisessem se encontrar.

É preciso considerar, contudo, que superar o primeiro momento de ausência de Jesus não foi fácil, pois o medo da morte levou os discípulos ao imediato abandono e à negação de um projeto no qual se engajaram e viram-se representados, ainda que posteriormente e sob alguma contradição. Vale lembrar, estes são os mesmos Discípulos que durante o processo de formação comunitário com o próprio Jesus não compreendiam nem a proposta (o reino de Deus é para incluir todos, sem distinção, e não para instaurar no poder somente alguns) nem a filosofia do projeto (servir a todos na partilha da vida). Neste momento, uma outra inclusão tornou-se salutar: a inclusão das mulheres – consideradas inferiores e objetos sem voz na sociedade machista e patriarcal que as invisibilizavam. Embora a subalternização imposta lhes relegasse a uma condição de inferioridade e opressão, foram elas que acompanharam Cristo até ao Calvário, não o abandonaram nos últimos momentos na cruz, não aceitaram a não realização dos ritos funerários e cuidaram seu do corpo já sepultado. É importante e significativo notar que a elas foi confiada a notícia da ressurreição e com isso, ao visibilizar a presença e ação femininas, temos uma revolução cultural integrada a esse projeto maior que Jesus veio propor.

Na história da humanidade tantas outras Marias, Madalenas, Martas e Salomé, em diferentes culturas e épocas, lutaram pelo direito à vida, e vida plenamente, e foram leais nos calvários sociais, tanto quanto foram resistentes aos sepulcros do sistema patriarcal, capitalista, ariano, intolerante que não quer deixar a vida ressurgir.

Em *Jesus militante: Evangelho e projeto político do Reino de Deus*, Frei Betto faz uma tradução cultural, histórica e política de um texto bíblico que sempre é lido dentro das fronteiras do conservadorismo dogmático, levando a uma visão fechada e a uma interpretação centrada numa imagem de Cristo transcendente e celeste, sendo alcançado apenas no pós-vida.

Como traduzir é fazer transitar, destecendo significados e fazendo emergir sentidos, levando o texto a um estado de movência, o autor diseca o significado histórico e cultural dos fatos e atos narrados no evangelho de Marcos, propiciando a atualização do seu significado e à construção do sentido em muitas militâncias outras por meio de pontes culturais onde as experiências se encontram. Assim, Jesus Militante torna-se contemporâneo nosso com sua proposta política civilizatória atualizada em Marthin Luter King, Gandhi, Antônio Conselheiro, Madre Tereza de Calcutá, Zumbi dos Palmares entre tantos outros que tomaram o partido dos excluídos e defenderam o sistema de vida digna para todos. Parece-nos um projeto inacabado e contínuo, mais ou menos na linha do que seria a revolução permanente de Trotsky e Guevara e, principalmente, revestido da condição de um projeto que exige consciência da necessidade de descentramento e deslocamento dos sujeitos em seus espaços e culturas, nos quais as mobilizações de espectro coletivo ganham ampla e fundamental relevância, vez que operam como políticas de resistência numa perspectiva potencialmente subversora e emancipatória, portanto, transformadora.

É bem verdade que a sociedade daquela época apresenta peculiaridades que não podem ser colocadas em patamar de igualdade com os contextos contemporâneos, mas isso não impede que as similitudes sejam levantadas e comparadas, para, ao final, levar a uma condição de atualização. Se o tempo, as pessoas e meios são diferentes, as ideais de poder e hegemonização político-sociais são muito semelhantes.

Ao final do texto, temos não uma impressão, mas uma constatação de que em *Jesus militante* José Carlos Libânio ou Frei Betto, como é mais comum a ele referir-se, exerce um discurso num lugar de fala que lhe é bem apropriado. Ele não coincide simplesmente, em termos teóricos, com o que analisa como um projeto apresentado pelo Jesus histórico que lhe desperta a curiosidade do pesquisador. Em verdade, o autor identifica-se com tal projeto, pois que, a exemplo deste mesmo Jesus histórico, é um militante que vê as causas populares como um campo de disputa, não para concentração do poder, mas para descentrá-lo e colocá-lo sob outra potência, uma potência mais criativa, autônoma, democrática, solidária e, assim, libertária.

Um dos elementos que podem evocar essa visão sobre a natureza desse projeto potencialmente libertário está retratado na interpretação que o autor põe em evidência na última parte do livro, ao declarar que Marcos no capítulo 16 do Evangelho por ele escrito, executa o que chama de verdadeira revolução cultural. Diz, então, o autor em complementação: “Marcos ou o pseudo-Marcos opera aqui uma verdadeira revolução cultural. Aos três líderes do Grupo dos Doze – Pedro, Tiago e João – ele contrapõe três mulheres: Madalena, Maria e Salomé (BETTO, 2022, p. 177).

Há que se ressaltar que no tempo presente as questões culturais têm ganhado relevo tanto pelo viés do conservadorismo que tenta impor pautas morais (melhor seria dizer falso moralistas) como uma forma disfarçada de manutenção do status quo, quanto pelo dos movimentos que buscam resilientemente resistir as essas mesmas pautas e avançar na construção de outros modos mais solidários de vivência política e social. Nisso também há uma simetria entre o que o autor aponta como sendo o contexto em que Jesus viveu e atuou e o tempo de agora, notoriamente marcado por movimentos que colocam o capital, em suas diversas facetas, sobreposto ao que é coletivo e à própria ideia de humanidade, tomada aqui esta palavra como representação daquilo que coloca mulheres e homens na perspectiva de signos representativos de uma relação que precisa ser harmônica e equilibrada. Daí ser este trabalho de Frei Betto, a um só tempo, profundamente histórico e atual.

Trata-se de uma obra fundamental tanto na perspectiva cultural da resignificação da linguagem, quanto na perspectiva histórica de como entender a religiosidade em favor da vida e não a abandonar por meio de cânones e segregações. Lutar pela vida, conhecendo e respeitando as performances de viver é ser militante; viver o processo no coletivo, como Jesus fez, diferente dos fundamentalismos religiosos atuais que, impõem imagens e padrões de ser e viver, é ser militante; buscar conceber uma nova ordem social calcada na solidariedade e no intercâmbio de saberes e valores que se complementam em lugar de se anularem ou excluírem, é ser militante. A

própria leitura das obras de Frei de Betto, especialmente desse, *Jesus militante: evangelho e projeto político do reino de Deus* acaba por ser um convite ao exercício da nossa militância.

Recebido em 20 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de dezembro de 2022.